

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL , INTINERÂNCIAS E TRABALHO DOCENTE : UMA ANÁLISE A PARTIR DE NARRATIVAS DE PROFESSORES QUE LECIONAM FORA DA MUNICÍPIO DOMICILIAR

Fabiana Correia Moura

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
fabymoura@hotmail.com

Talamira Taita Rodrigues Brito

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
taitadoc@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta uma breve abordagem sobre o exercício da profissão-professor em redes municipais fora do domicílio e que se deslocam cotidianamente para trabalhar. Este estudo se limitou a narrativas de três professoras que faz um percurso de deslocamento entre o município de Jequié a Poções. É de fundamental importância discutir as condições de trabalho e os dilemas enfrentados nestas intinerâncias. A questão metodológica vincula-se à próprias narrativas através de suas histórias de vida. Estas situações são discutidas e ressignificadas a luz dos pressupostos teóricos que discutem vida de professor, autonomia e trabalho docente, entrelaçadas aos testemunhos expostos pelos colaboradores deste trabalho. Utilizamos a metodologia da História de vida para construção e discussão dos dados deste estudo.
Palavras-chave: Desenvolvimento profissional. Intinerâncias. Trabalho docente.

Introdução

Utilizamos da fala de uma das professoras que cedeu seu testemunho, suas histórias e seus entendimentos para iniciar esta discussão. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia desde o ano 2008, 33 anos de idade, natural de Jequié – Bahia, município localizado aproximadamente a 87 Km do município de Poções, onde leciona nos anos finais do ensino fundamental. Em primeiras falas sobre suas intinerâncias diz: *“O docente que presta concurso para município fora do seu domicílio enfrenta diversos empecilhos, dentre os quais, destaca-se o estranhamento da localidade onde se trabalha e a extensa jornada de trabalho; a maioria deles geralmente possui mais de um vínculo e em diferentes cidades, dessa forma,*

diariamente cumprem uma jornada de trabalho bárbara em uma luta por um salário que proporcione-lhe um mínimo de dignidade.”

As problemáticas que cercam o trabalho docente de quem vivencia estas intinerâncias decorrem de um quadro de precarização e proletarização do trabalho ao mesmo tempo de desvalorização da profissionalidade. No tocante a extensa “jornada de trabalho” colocada pela professora colaboradora reflete um cenário de condições de trabalho, carreira e salário que não efetivam se quer as garantias mínimas asseguradas através de políticas públicas do governo federal.

Buscamos nesta discussão analisar o trabalho docente e próprio desenvolvimento profissional e os entrelaçamentos das experiências vividas pelo professor e assim situar a as condições de trabalho enfrentadas por professores em circunstâncias de movimentações, na esfera intermunicipal e, principalmente num momento onde dois profissionais da rede municipal de Poções foram levados à órbita quando se deslocava de uma localidade para outra.

Procuramos nesse contexto, apresentar as narrativas destes professoras sobre suas andanças, discutir a condição e o desenvolvimento profissional docente, a construção da autonomia e o próprio trabalho docente como elemento de interações humanas. Este estudo dialogou com as produções de diversos autores, dentre eles: Nóvoa (1999, 1995) Tardif (2005), Contreras (2002), Souza (2007) dentre outro.

Em suma, este trabalho aborda as intinerâncias de docentes que fazem deslocamento intermunicipal para lecionar e os desdobramentos e implicações que esses movimentos geram para o desenvolvimento profissional e a trajetória de vida destes professores. Buscamos a partir das abordagens teóricas sobre autonomia docente, as dimensões interativas do trabalho docente e os pressupostos teóricos-metodológicos sobre histórias de vida e narrativas traçar uma cartografia da problemática que cerca a vida e o desenvolvimento profissional destas professoras que cedem seus testemunhos.

Portanto, as marcas decorrentes destas experiências, movimentações e deslocamentos abordadas em narrativas de professores que trabalham fora do município domiciliado nos possibilitou discutir a natureza do trabalho docente, partindo da seguinte questão: Como essas movimentações intermunicipais que estes profissionais realizam no exercício da profissão refletem

no âmbito do desenvolvimento profissional destes professores e na própria trajetória de vida destes docentes? O nosso objetivo é analisar como essas intinerâncias refletem na condição de trabalho, na qualidade de vida e conseqüentemente no desenvolvimento profissional destes professores. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi das histórias de vida, utilizamos as narrativas destes professores fundamentada em Souza (2007).

Vida de Professor e o Trabalho Docente: Uma reflexão necessária

Ao discutirmos o exercício da profissão docente é essencial entender o termo docência e seu significado. Veiga (2008) destaca que no sentido etimológico, docência tem suas raízes no latim *docere*, que significa, ensinar, mostrar, orientar. Numa perspectiva formalizada e normatizada conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, Lei 9394/96, a docência é o trabalho do professor que extrapola o reducionismo de apenas ministrar aulas e este fato implica diretamente nas necessidades formativas.

A história da educação brasileira aponta uma série de tensões que circundam o ser e estar professor, visto que a profissão professor nasce para atender aos interesses religiosos que agregavam ao dogma religioso um modelo de ensino e através deste se constituíam meios de manipulação e fortalecimento dos interesses ideológicos das classes dominantes.

Estas marcas históricas desencadeiam direta ou indiretamente uma série de influências na constituição de vida de professor. A natureza do trabalho docente neste sentido sofre influência destes elementos que em uma dada realidade reconfigura o desenvolvimento profissional docente.

Ao analisarmos as bases epistemológicas e filosóficas que orientaram a educação, ensino e formação na era colonial, percebemos como isso se reflete na emergência do grande desafio que é constituir a natureza de profissionalidade da docência no atual contexto, onde mesmo que numa perspectiva de senso comum, a profissão docente ainda é vista conforme o modelo do sacerdócio, ou seja, como uma missão religiosa. Neste sentido Nóvoa (1999) destaca que trajetória histórica do educador brasileiro remete-se a memória de uma educação marcada pelo dogmatismo religioso ou então agregada ao conjunto de normas estatais, contudo em sua essência ainda presa aos ranços da doutrina religiosa.

Segundo Romanelli (1997) numa análise sobre a evolução do ensino do Brasil, o período colonial é caracterizado por uma organização das forças produtivas fundada na grande propriedade e na mão-de-obra escrava, este modelo de relações de produção era fundamentado na estratificação social. Neste contexto a escola era frequentada somente por um grupo: a classe dominante.

Este olhar sobre a história da educação embriagada de preceitos religiosos e dogmáticos acaba por refletir diretamente na constituição da profissionalidade docente marcada pelas tensões de uma sociedade cada vez mais desigual e altamente estratificada.

A própria constituição histórica da nossa educação possibilita pensar a profissão docente, a vida profissional, as trajetórias e vivências que vão encorpando a natureza da profissionalidade da docência. Logo, pensar vida de professor e trabalho docente no contexto das intinerâncias e deslocamento intermunicipal de docentes para garantir o emprego que lhe oferece meios de garantir o próprio sustento é essencial, é preciso que se compreenda a historicidade que compõe a própria profissão.

A profissionalização da docência definida pela LDBEN é uma realidade no cenário contemporâneo, entretanto as condições de trabalho que são apresentadas a estes profissionais de modo geral no Brasil descaracterizam e desvalorizam a profissão docente. A sociedade na era do capital visa produtividade e a formação para o mercado e essa concepção vem levado aos professores a sacrificar seus interesses pessoais, seus ideais de homem, mundo, sociedade e aventurar-se em municípios circunvizinhos ou não, na busca de oportunidades de trabalho e renda.

Tardif e Lessard (2013) analisam e discutem a relevância da dimensão interativa do trabalho docente e este fato precisa ser levado em conta. As condições de quem vivência uma rotina de deslocamento entre diversos quilômetros é resultado do cenário de proletarização e descaracterização docência em suas múltiplas dimensões.

O cansaço, o esgotamento físico, o transtorno do percurso de deslocamento afetam diretamente a dimensão interativa do trabalho docente, uma vez que, estes dilemas acabam afetando a vida do profissional ao ponto de muitas vezes o professor tornar-se um mero executor de tarefas fortalecendo a lógica mercadológica. Estas problemáticas que afetam fortemente a vida

do professor de forma tão devastadora, configura o que Oliveira (2006) denomina como “*mal-estar docente*”.

A pesquisa realizada por Oliveira (2006) destaca que os professores precisam enfrentar as lutas da sobrevivência material e psíquica das dificuldades do cotidiano do ofício que gera o estranhamento do professor em relação à sua profissão.

É preciso recuperar a dimensão humana e interativa do trabalho docente e para tanto é preciso efetivar políticas públicas que ofereça condições para o profissional docente exerça sua profissão com qualidade de vida. É preciso alargar os horizontes para que se rompa com a concepção de trabalho docente marcada pelo paradigma do trabalho industrial e da produtividade.

Portanto, é preciso que os municípios assumam com responsabilidade a consolidação de quadros efetivos de docente, que viabilize a ampliação de escola e repensem esses modelos de contratação sucateados que não se comprometem em formalizar e fortalecer a carreira docente. Diante da situação precária da educação, especialmente em alguns municípios em que a problemática se agrava, muitos egressos da licenciatura na busca pelos concursos públicos aventuram-se neste deslocamento que além de colocar a vida destes profissionais em risco, refletem na sua saúde, qualidade de vida e conseqüentemente inviabiliza condições para formação continuada e para o próprio desenvolvimento profissional docente.

Autonomia Docente e Desenvolvimento Profissional: A Realidade das Intinerâncias e suas Implicações

Um estudo estatístico realizado pelo O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (2003), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação - MEC destaca que a demanda na rede pública pelos cursos de graduação que possuem licenciatura, que em 1991 era de três candidatos por vaga, chegou a cinco em 2002, mesmo considerando o grande aumento de vagas no período, o que é um fato animador. Por outro lado, ao se avaliar o número de ingressos em relação ao número de vagas oferecidas, observa-se que os cursos de graduação que oferecem licenciatura encontram-se entre aqueles com o maior número

de vagas não preenchidas. Em 2002, 6% das vagas nas instituições da rede pública e 41% nas instituições da rede privada não foram preenchidas.

A escolha pela profissão docente na contemporaneidade vem se minimizando, os dados da pesquisa supracitada demonstram esse desinteresse pela área, falta atrativos, a desvalorização da carreira docente é um dos problemas que apresenta como consequência a rejeição dos jovens com os cursos de licenciatura no Brasil.

Estes dados podem revelar elementos para análise da condição dos docentes que enfrentam o desafio de se deslocar de seu município para exercer sua função. Apesar da diminuição da procura pelos cursos de licenciatura, egressos da academia enfrentam dificuldades para conseguir um emprego que lhe ofereça condições básicas de sobrevivência. Frente a este quadro a discussão sobre a profissionalidade docente tornou-se o centro dos inúmeros debates. Uma das ideias mais difundidas na atualidade com respeito aos professores e, ao mesmo tempo, uma das mais polêmicas é a sua condição profissional. Seja como expressão de uma aspiração, como descrição e caracterização do ofício de ensinar ou como discussão sobre as especificidades e limitações com que tal condição dá-se nos docentes. Contreras (2002).

Segundo discute (NÓVOA, 1999, p. 22):

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação em curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão a vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante (face ao Ministério da Educação – MEC, aos colegas, aos alunos etc.).

A crise que perpassa o seio da profissão docente em suas peculiaridades aponta para ausência de uma reflexão mais crítica sobre o que caracteriza o ofício da profissão docente como também sobre a própria ação profissional. O cenário de desprestígio da docência vai refletir diretamente na autonomia profissional enquanto ofício docente. Contreras (2002).

Os enfrentamentos que marcam a vida do professor são inúmeros e atravessam a história da educação brasileira. Os elementos contraditórios que cercam o embate, o campo teórico, ideológico e o prático são carregados de complexidade principalmente quando partimos do

entendimento que o a proletarização da categoria docente é uma das questões centrais da problemática que cerca o trabalho docente, entretanto, os entendimentos sobre proletarização por parte dos próprios docentes muitas vezes são acríticos, sem os aprofundamentos necessários o que implica em falácias, panfletagem mas, não converge no fortalecimento da autonomia docente.

A tese básica da proletarização de professores é que o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, a perda da autonomia. (CONTRERAS, 2002, p. 33). As lutas da categoria pela recuperação da autonomia muitas vezes ocorre sem os entendimentos necessários sobre a natureza da proletarização, as manifestações nas ruas, lutas sindicais muitas vezes assumem o caráter reducionista focando apenas no aumento salarial e desconsiderar a falta de condições de trabalho dignas como fator preponderante.

Uma concepção equivocada sobre a proletarização reflete uma execução do ofício que comunga com o modelo de produtividade fabril, nesta lógica o trabalho docente acaba reduzido ao desempenho de tarefas rotineiras, sem compreensão do significado do processo.

As intinerâncias de docentes que se movimentam do local onde reside para exercer a sua função em um ou dois municípios reflete claramente a relação profissionalidade e proletarização. O tempo relativamente alto despendido por estes profissionais para se deslocarem, o alto custo deste deslocamento, os conflitos e doenças relacionados a esta rotina compõe um cenário desafiador para o trabalho docente dadas as ínfimas condições.

Em suma, Contreras (2002) ao abordar profissionalidade docente e autonomia perdida, nos propõe compreender a natureza complexa da proletarização como um fenômeno que ultrapassa a simples perda da qualificação técnica, mas como perda do sentido ideológico e moral do trabalho docente.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o

indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. (SOUZA, 2007).

Para a construção deste artigo convidamos a três professoras a construir um texto narrativo contando sobre sua vida e intinerâncias na profissão. Estas profissionais residem no município de Jequié – Bahia e lecionam no município de Poções, aproximadamente uma distância de 87 Km da cidade de origem. Estas professoras lecionam nos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9ºano.

Ao solicitarmos a colaboração destes docentes com suas narrativas sobre suas andanças para lecionar, destacamos alguns pontos específicos que abordassem, tais como, idade, formação, tempo de experiência docente, tempo de exercício em outro município e situação funcional, embora estes elementos tenham sido solicitados para que constassem na narrativa, os colaboradores ficaram livres para conduzir ao seu modo a autoria do texto. Os dados especificados estão apresentados na tabela a seguir:

Nome Fictício	Idade	Formação	Tempo de Experiência Docente	Tempo de Exercício em outro município	Disciplinas que leciona	Situação Funcional
Malu	34	Pedagogia	10 anos	08 anos	Geografia e Redação	Efetiva - Rede Municipal
Diva	46	Letras	18 anos	08 anos	Língua Portuguesa e Filosofia	Efetiva - Rede Municipal
Jana	35	Pedagogia	15 anos	08 anos	História e Geografia	Efetiva - Rede Municipal

Fonte: Dados coletados através das narrativas (2015).

Partindo do perfil biográfico apresentado no início da narrativa, este nos possibilitou conhecer algumas características destas profissionais. Todas tem a graduação completa, possuem

um tempo significativo de caminhada na docência, lecionam mais de uma disciplina e ambas são efetivas da rede municipal.

As Narrativas sobre as Intinerâncias: Marcas e Memórias

Para o desenvolvimento deste trabalho, procuramos nos atentar para a natureza desse tipo de narrativa que se difere do caráter técnico das entrevistas. Neste sentido Souza (2007) argumenta que no trabalho de coleta de depoimentos o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho.

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo sujeito. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida. (SOUZA, p.67).

Ao abordarem sobre o início de sua trajetória, algo comum na fala das três foi o fato de buscarem desde o início da sua carreira na docência a efetivação do vínculo trabalhista através do concurso público, dada a falta de oportunidade em seus municípios de domicílios levaram a conquistar este vínculo em outros locais.

Uma das colaboradoras destaca que embora buscasse vínculos efetivos, não era do seu interesse residir em outro município, deixar sua família, cultura e amigos, que neste caso, preferia enfrentar os dilemas de viajar quatro dias por semana.

Quando passei no concurso e fui efetivada fiquei muito feliz em saber que agora seria funcionária pública, efetivada, poderia ter um plano de saúde, mas apesar de tudo, pensar em morar em outro município não era o que gostaria, a contra gosto resolvi enfrentar a estrada todos os dias, por isso vivo cansada, sem animo para participar de formação continuada, acabo fazendo apenas o que é obrigatório. (Narrativa – Malu)

Os efeitos da proletarização do trabalho docente abordados em (NÓVOA, 1999, CONTRERAS, 2002, TARDIF e LESSARD, 2013) estão evidentes na fala desta professora. As condições de trabalho que violam a qualidade de vida reflete diretamente no âmbito do desenvolvimento profissional, esse fato conseqüente marcam as vidas e a própria identidade docente.

A dimensão interativa do trabalho docente acaba comprometida neste ensejo de movimentações e deslocamentos intermunicipais. Tardif e Lessard (2013) ao abordar o trabalho docente como profissão de interações humanas destaca que a ética do capitalismo coloca a docência como esfera secundária em relação ao trabalho material e produtivo.

Considerando os interesses políticos e ideológicos que perpassam essa visão da docência como algo periférico, percebemos então o que Tardif e Lessard (2013) destacam: A docência concebida como modelo reproduzido a partir da lógica da produtividade capitalista. Este paradigma sobre o exercício da docência sobre a égide do capitalismo vem transformando o trabalho em uma atividade penosa e de muito labor. A fala da colaboradora Malu é amplamente reveladora nesse sentido:

Em minha vida hoje, vejo a profissão professor atualmente caracteriza-se não como um desafio, que seria o instigar os educandos ao exercício constante da busca pelo conhecimento, mas sim, como uma labuta, que pode ser caracterizada como uma atividade penosa. E se o exercício da citada profissão ocorre fora do município de domicílio dos professores, a situação é ainda mais dura, árdua. (Narrativa – Malu).

Ainda na fala de Malu podemos perceber que sentidos a profissionalidade docente vem tomando em sua vida e como estes deslocamentos são elementos do quadro que configura a proletarização do trabalho docente. Ela argumenta: *“Diante de tantas tarefas o educador não dispõe de tempo para uma adequada formação ou para a desejada por ele, não possui tempo para realizar leituras, para saber o que se passa na saúde, economia, segurança pública e na própria Educação no país; a formação política do docente fica totalmente prejudicada e os mestres agem no automático, ou seja, corrigem atividades, planejam aulas e produzem avaliações, não restando tempo para a reflexão sobre a sua própria prática. A situação é ainda mais agravante quando*

existe a necessidade de deslocamento de um município para outro, pois, além de todas as questões mencionadas, o professor ainda enfrenta a espera por transporte e o desgaste da viagem.”

Para Mészáros (2005) orientada pela lógica capitalista, a educação intencionalmente é operacionalizada de forma tendenciosa como com uma mordaca e autoritarismo disfarçado no engodo do neoliberalismo, com o objetivo de fortalecer o conformismo estendido ao seio da sociedade contemporânea, com a finalidade de internalizar os ditames da ordem capitalista. O que nos intriga e preocupa é que os docentes, protagonistas centrais desta trama, de forma geral, acabam incorporando a o desânimo, o conformismo e a aceitação frente as precárias condições de trabalho que limitam o fazer docente ao praticismo técnico e acrítico.

As condições impostas pelo Estado submete os profissionais da educação sob a lógica mercadológica criando obstáculos ao processo construção e o exercício pleno da autonomia docente. Estas condições são viabilizadas por meio das inúmeras atribuições de tarefas burocráticas e controladoras que pesam sobre o cotidiano do trabalho docente (NÓVOA, 1999).

Nóvoa (1999) destaca que o conceito de profissionalidade docente, bem como sua própria natureza estão em constante elaboração. Trata-se de um movimento histórico e socialmente construído, logo, é nas vivências e experiências destes profissionais que as questões surgem para pensar entendimentos sobre a profissionalidade e todo processo de precarização e proletarização que tolhe a autonomia docente sobre seu próprio trabalho e aborta as possibilidades de reflexão crítica deste profissional sobre o seu fazer.

Neste sentido a fala de Jana é muito pertinente quando argumenta: “

Estou na estrada de segunda a quinta feira, chego na escola muitas vezes desmotivada, mas sei da responsabilidade que a minha profissão carrega, procuro desenvolver minha aula apresentar meu conteúdo, cobrar as atividades e avaliações muitas vezes corrigidas dentro do ônibus para ser pontual, então me pergunto? Que tempo tenho para parar e analisar minha própria prática. Em que momento posso debater com meus pares todos os dilemas? Prefiro me calar e cumprir meu papel que é dar minhas aulas e pronto. (Narrativa – Jana)

Contreras (2002) assevera que no contexto educativo contemporâneo, a proletarização, é, sobretudo, a perda de um sentido ético implícito no trabalho do professor. Esta falta de controle do

profissional sobre seu próprio trabalho que possa significar o afastamento entre concepção e execução se traduz como espécie de desorientação ideológica e não apenas a perda de uma qualidade pessoal para uma categoria profissional.

É preciso vislumbrar caminhos de resgate da profissionalidade docente, que possibilite que estes docentes que vivencia a problemática de lecionar em outro município consigam elementos que superem tantas problemáticas que tolhe sua autonomia e profissionalidade e no mal-estar docente que aborda Oliveira (2006). Dentre os fenômenos sociais e políticos indicadores do mal-estar docente, a autora destaca a proletarização do professorado e a feminização do magistério.

É notório que quando se aborda questões como profissionalidade Contreras (2002) argumenta que a profissionalidade docente está imbricada a autonomia profissional a dignificação e reconhecimento social do trabalho.

A docência precisa ser reconhecida em sua grandeza e função social que exerce no âmbito das profissões. O reducionismo que vem marcando as lutas da categoria de forma geral apenas pela busca de melhores salários elucida entendimentos sobre a profissionalização marcada por uma ideologia mercadológica. É preciso pensar novas perspectivas de atuação por um profissionalismo responsável, crítico e coerente.

Por conseguinte a valorização docente e resgate da autonomia sobre seu fazer é requer análises das dimensões docência dentro do próprio contexto em que se consolida a profissão - professor. Precisamos construir caminhos para fortalecimento da autonomia para além das falácias ideológicas, que muitas vezes camuflam jogos de interesses meramente neoliberais.

Considerações Finais

A problemática que foi manifestada na questão de como as movimentações intermunicipais que professores realizam no exercício da profissão reflete no âmbito do desenvolvimento profissional destes e na própria trajetória de vida carregam dimensões mais amplas e este estudo evidencia a necessidade de ampliar esta discussão iniciada neste trabalho.

É preciso fomentar as efetivas mudanças no cotidiano da práxis educativa, onde o fazer pedagógico ultrapassa o viés tecnicista e assume uma perspectiva crítica de atuação da prática

profissional. Como destaca Marx (1986) a condição de precariedade do trabalhador submetido à ordem capitalista em que todos os métodos destinados a intensificar a força produtiva social do trabalho se realizam às custas do operário individual (...) mutilam transformando-o num homem fragmentário.

Realizar esta análise a partir de narrativas de professores que vivenciam esta dinâmica do deslocamento para lecionar nos possibilitou perceber como a proletarização e a perda da autonomia se configura diante das especificidades das histórias e vivências destas professoras.

As narrativas das professoras, salientam que a profissão docente encontra-se sucateada e desvalorizada na contemporaneidade, apesar de todas os avanços científicos e tecnológicos, e, sobretudo, elas indagam o momento histórico que estamos atravessando em suas possibilidades e desafios para o exercício do magistério. Diante deste fato, entendemos a importância do trabalho que elucida as narrativas destas professoras, e, conseqüentemente seus questionamentos desde ao âmbito coletivo aos mais subjetivos.

Neste sentido Souza (2007) assevera que a construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. Neste sentido ao debruçarem sobre estas memórias, as colaboradoras analisaram suas vidas, histórias, processos formativos e todos os impasses decorrentes destas movimentações contínuas.

É evidente o fato da lei não permitir a transferência, permuta remoção de um profissional de uma rede para a de outro município gerando tantos conflitos para o exercício da docência que carrega atribuições amplamente específicas e que não pode ser exercida de qualquer forma e isso gera repercussões na vida destes profissionais que garantem sua remuneração através destes deslocamentos.

Para muitos a superação desse problema pode decorrer do Projeto de Lei nº 320, de 2008, que cria o Programa Federal de Educação Integral de Qualidade para Todos e a Carreira Nacional do Magistério da Educação de Base, este projeto de lei precisa ser esclarecido para a população de forma geral visto que subentendemos em mudanças profícuas na educação brasileira e pode ser a porta para regularizar a condição de trabalho de docentes que sofrem os dilemas de deslocamentos.

Esta proposta representa uma reestruturação da carreira e da profissionalidade, tendo em vista que na maioria dos municípios falta competências administrativa para gerir os municípios e a própria educação. A realidade das escolas municipais nos municípios onde trabalham as docentes participantes desta pesquisa é marcada pela precarização do trabalho docente.

Em suma, podemos pensar que o fazer docente, prática, laboral é uma atividade eminentemente política, é evidente, por meio da fala das docentes e na interpretação de suas condições de trabalho.

Assim, com este trabalho, esperamos que esta breve discussão sobre as nossas intinências e realidades abordadas sob a luz das teorias subsidiem elementos de transformação das condições de trabalho docente e por fim elucidem caminhos promissores com base em abordagens teóricas e metodológicas que esclareçam e fortaleçam a profissionalidade, a autonomia e a ressignificação constante de novos sentidos e perspectivas.

Referencias

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96.

BRASIL, **Estatística de Professores no Brasil**. INEP. Disponível em:
http://www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003.pdf. Acessado em:
25/09/2015.

BRASIL, Projeto de Lei 320/08, **Programa Federal de Educação Integral de Qualidade para Todos e a Carreira Nacional do Magistério da Educação de Base**

CONTRERAS, J.. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002

NÓVOA, A., **Profissão Professor (org)**. Porto – Portugal. Editora Porto, 1999.

OLIVEIRA, H. S. G. **O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas**. Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 7, fev/ mar. 2006.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra, 1986.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes: 1997.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e formação de professores [online]**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6.

SOUZA, E. C. (org.), **Educação e Ruralidades: Memórias e Narrativas (auto) biográficas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 8.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.p.15-33.

VEIGA, I. P. A., Cristina Maria D'Ávila (orgs.)**Profissão Docente: Novos Sentidos, Novas Perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.